

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

1.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 21 de maio de 2021

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas. Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se der mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas será classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Grupo I

Árvores com história

1 São seres silenciosos que, a nosso lado, partilham quotidianamente a mesma única vida, a sua e a nossa vida. Mal damos por elas, as árvores, tão comum e familiar é a sua antiquíssima presença perto de nós, e tão anónima. A maior parte das vezes pouco mais
5 somos capazes de dizer do que “árvore” ou “árvores”, porque também as nossas palavras se foram, pouco a pouco, tornando silenciosas. E, no entanto, cada árvore, como cada um de nós, é um ser absoluto e irrepetível, uma vida única com uma história única, um passado para sempre atado, de forma única, ao nosso próprio passado.

Algumas das árvores do Porto são originárias de paragens longínquas, da China e do Japão, da Austrália, da Nova Zelândia, do Brasil, muitas são centenárias. São os mais
10 antigos habitantes da cidade, contemporâneos (a *gingko* fêmea do Jardim das Virtudes, por exemplo, tem a dourada idade de 200 anos) dos avós dos nossos avós e testemunhas vivas da memória coletiva.

É preciso dizer que, até agora, apenas seis das árvores do Porto foram (desde 1938, data do decreto-lei que criou a classificação) declaradas de interesse público: o velho
15 ulmeiro, ou “árvore da forca”, da Cordoaria, e o grande pinheiro manso da Avenida da Boavista desapareceram já; restam duas camélias de um jardim particular de Paranhos e dois tulipeiros, um dos jardins da Casa Tait, e outro, um destroço em resultado de várias podas indiscriminadas, da antiga Quinta dos Vanzeleres.

Talvez tal classificação possa, quem sabe?, impedir que o estacionamento selvagem
20 acabe com a canforeira centenária da Via Panorâmica; ou assegurar longa e florida vida à *chorisia* das Virtudes e à imponente araucária-da-Austrália do Jardim da Cordoaria, uma das maiores do país (tem 40 metros de altura), plantada provavelmente em 1866; ou subitamente revelar aos nossos desatentos olhos as araucárias, os metrosíderos (ou “árvores de Natal da Nova Zelândia”) e as palmeiras-das-Canárias do Jardim do Passeio
25 Alegre, de quem Eugénio disse: “São altas / como os marinheiros de Homero. / Diante do mar desafiam os ventos / vindos do norte e do sul, / do leste e do oeste, / para as dobrar pela cintura. / Invulneráveis – assim nuas.”

Porque o espetáculo lilás que o jacarandá do Largo do Viriato dá todos os anos em Maio ou o alvoroço dos pardais e estorninhos sob a folhagem das magnólias do Jardim
30 de S. Lázaro são tão belos como a Vénus de Milo¹. O que há, como dizia o outro, é pouca gente para dar por isso. E para deslumbradamente descobrir que o belo é útil por ser belo.

Manuel António Pina, *Crónica, Saudade, Literatura. 1984-2012. Antologia*. Seleção de crónicas de Sousa Dias. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, pp. 219-221 (texto com supressões).

Para responder a cada um dos itens de **1 a 13**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

¹ Célebre estátua grega pertencente ao acervo do Museu do Louvre. De autor incerto, terá sido esculpida no final do século II a.C. e foi descoberta em 1820, na ilha de Milo, no mar Egeu.

1. No primeiro parágrafo desta crónica, o autor

- a. condena a ignorância da maioria dos cidadãos em matéria de botânica.
- b. assume-se como especialista na identificação e classificação de árvores.
- c. reconhece a indiferença da maioria dos cidadãos em relação às árvores.
- d. admite que os cidadãos assistem em silêncio à banalização das árvores.

2. O adjetivo «antiquíssima» (linha 3) corresponde a

- a. a mais antiga.
- b. muito antiga.
- c. mais antiga.
- d. decerto antiga.

3. Nas linhas 4-5, a sequência «também as nossas palavras se foram, pouco a pouco, tornando silenciosas» sugere que

- a. são cada vez mais as árvores sem nome.
- b. ganhámos o hábito de falar em surdina.
- c. fomos deixando de saber o nome das árvores.
- d. preferimos hoje usar vocábulos raros.

4. Se tomarmos à letra a expressão «[o]s avós dos nossos avós» (linha 11), ela designará

- a. os nossos bisavós.
- b. os nossos tetravós.
- c. os nossos avós-tortos.
- d. os nossos trisavós.

5. Na linha 18, «podas indiscriminadas» são

- a. ablações feitas sem contrato.
- b. cortes feitos sem critério.
- c. abates radicais.
- d. intervenções com intuito criminoso.

6. Na linha 19, «tal classificação» refere-se à classificação de

- a. árvores com história.
- b. árvores exóticas.
- c. árvores centenárias.
- d. árvores de interesse público.

7. Segundo refere o cronista, nem todas as árvores classificadas resistiram ao tempo. Desse conjunto,

- a. resta a terça parte.
- b. perdeu-se mais de metade.
- c. resta uma parte ínfima.
- d. perdeu-se a terça parte.

8. Na expressão «desatentos olhos» (linha 23), podemos reconhecer

- a. um paradoxo.
- b. uma metáfora.
- c. uma hipálage.
- d. uma antítese.

9. Nos versos citados de Eugénio de Andrade (linhas 25-27), os recursos expressivos que se evidenciam são

- a. uma comparação, uma metáfora e uma metonímia.
- b. uma comparação, uma personificação e uma enumeração.
- c. uma hipérbole, uma sinédoque e uma metáfora.
- d. uma enumeração, uma anáfora e uma personificação.

10. Na linha 27, entre os adjetivos «invulneráveis» e «nuas», deteta-se

- a. uma analogia.
- b. uma gradação.
- c. uma relação semântica de contraste.
- d. umnexo de causalidade.

11. No início do último parágrafo, as palavras «espetáculo lilás» designam

- a. uma festa popular.
- b. uma representação.
- c. uma obra de arte.
- d. uma floração copiosa.

12. A frase «O que há [...] é pouca gente para dar por isso» (linhas 30-31) significa que, perante as coisas belas, falta quem

- a. delas trate.
- b. as consiga comprar.
- c. as troque por outros bens.
- d. nelas repare.

13. Na linha 31, «que» introduz uma oração subordinada

- a. adjetiva relativa.
- b. substantiva completiva.
- c. adverbial causal.
- d. adverbial consecutiva.

Grupo II

O poeta romano Ovídio contou assim, neste episódio mitológico, a origem de duas antiquíssimas árvores:

- 1 Há nos montes da Frígia²
um carvalho junto a uma tília, rodeado de um muro à volta.
Certa ocasião, aqui chegaram Júpiter sob aparência humana,
e, com o pai, o neto de Atlas, o deus do caduceu, sem as asas³.
- 5 A mil casas se dirigiram, em busca de local para repousar;
mil casas de tranças cerradas ficaram. Porém, uma acolheu-os.
Era, é certo, humilde, com telhado de colmo e canas lacustres.
Nela, Báucis, piedosa velhinha, e Filémon, da mesma idade,
tinham juntos passado os anos de mocidade, naquele casebre
10 tinham juntos envelhecido. A pobreza, tinham-na tornado leve,
assumindo-a e suportando-a com serena tranquilidade.
Ora bem, mal os seres celestes chegaram ao humilde larzito
e, baixando a cabeça, entraram na pequenina ombreira,
o velho trouxe um banco, que Báucis, solícita, cobrira
15 com um pano grosseiro, e convidou-os a descansar o corpo.
A tremer, a anciã põe a mesa.
Nela são postas as azeitonas bicolores da virginal Minerva
e endívias e rabanetes e um certo tipo de requeijão, e ovos
levemente mexidos em brasa pouco quente, tudo isto
20 em loiça de barro. Depois disto, fica na mesa uma larga taça
de vinho.
Sem grande demora, vêm do lume os pratos bem quentes.
Vêm depois as nozes, vêm figos secos com rugosas tâmaras,
vêm as ameixas e as maçãs perfumadas em largas cestas,
25 e os cachos de uvas colhidos em purpúreas videiras;
ao centro, é colocado o alvo mel. E a tudo isto juntam
rostos bondosos e solicitude empenhada e generosa.
Entretanto, os anciãos veem a cratera⁴, tantas vezes esvaziada,
encher-se espontaneamente, e que o vinho crescia por si só.
- 30 Atónitos com algo tão insólito, Báucis e o medroso Filémon
apavoram-se.
“Deuses somos”, dizem Júpiter e Mercúrio.
Então, o filho de Saturno, com uma voz afável, assim disse:
“Dizei, ancião justo e mulher digna de um esposo justo,
35 o que desejais.” Após trocar poucas palavras com Báucis,
Filémon revela aos deuses a decisão que os dois tomaram:
“Pedimos para sermos sacerdotes e velar pelo teu santuário.
E já que passámos uma vida juntos, que seja a mesma hora
a levar-nos aos dois, e que eu nunca chegue a ver a tumba
40 de minha esposa, nem por ela eu venha a ser sepultado.”
- Os desejos são cumpridos. Detiveram a custódia do templo
enquanto lhes foi dado viver. Um dia, acabados pelos anos
e pela velhice, estando diante da escadaria sagrada a contar
o sucedido neste local, Báucis observa Filémon cobrir-se

² Região da Ásia Menor, atual Turquia.

³ Mercúrio, filho de Júpiter. Veloz mensageiro dos deuses, é geralmente representado com asas nos pés ou no chapéu, levando nas mãos um caduceu (um bastão com duas serpentes entrelaçadas).

⁴ Taça.

- 45 de folhas; Báucis cobrir-se de folhas vê o idoso Filémon.
E, embora já lhes crescessem copas sobre os dois rostos,
iam trocando palavras enquanto puderam. “Adeus, amor!”,
disseram em simultâneo; e em simultâneo a casca cobriu
e ocultou-lhes a boca.

Ovídio, *Metamorfoses*, VIII, 620-719. Trad. de Paulo Farmhouse Alberto.
Lisboa: Cotovia, 2014, pp. 214-217 (texto adaptado, com supressões).

Para responder a cada um dos itens de **1 a 12**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. No verso 6, «mil casas de trancas cerradas ficaram» corresponde a dizer que

- a. num milhar de casas, trancaram-se as portas.
- b. poucas foram as casas hospitaleiras.
- c. todas as casas reforçaram a segurança.
- d. em geral, não houve sinais de hospitalidade.

2. No caso de transpormos para o futuro a sequência «acolheu-os» (verso 6), qual destas formas escolheremos?

- a. acolherá-os.
- b. acolhê-los-á.
- c. acolhe-los-á.
- d. acolher-os-á.

3. «A pobreza, tinham-na tornado leve» (verso 10), significa que Báucis e Filémon

- a. tinham conseguido diminuir a sua pobreza.
- b. viviam iludidos quanto à sua pobreza.
- c. repartiam com todos a sua pobreza.
- d. viviam com paciência a sua pobreza.

4. «o velho trouxe um banco» (verso 14),

- a. assim que os astros brilharam sobre a sua casa.
- b. porque os visitantes entraram a custo na sua casa.
- c. porque os visitantes estavam muito combalidos.
- d. logo que os seres celestes entraram em sua casa.

5. No verso 17, está presente

- a. um assíndeto.
- b. um polissíndeto.
- c. um hipérbato.
- d. uma hipérbole.

6. Na repetição da forma verbal «vêm» (versos 22-24), podemos reconhecer

- a. um pleonasma.
- b. uma aliteração.
- c. uma anáfora.
- d. uma perífrase.

7. «E a tudo isto juntam rostos bondosos» (versos 26-27) quer dizer que

- a. Báucis e Filémon decoram a casa com amáveis retratos.
- b. Báucis e Filémon convidam aldeãos amigos para o jantar.
- c. à sobremesa, Báucis e Filémon mostram-se afáveis.
- d. Báucis e Filémon servem, de boa vontade, a refeição.

8. No verso 29, «que» introduz uma oração subordinada

- a. adjetiva relativa restritiva.
- b. adjetiva relativa explicativa.
- c. adverbial consecutiva.
- d. substantiva completiva.

9. No verso 32, «deuses» desempenha a função sintática de

- a. modificador apositivo.
- b. vocativo.
- c. predicativo do sujeito.
- d. modificador restritivo.

10. Na frase «Dizei, ancião justo e mulher digna de um esposo justo, / o que desejais.» (versos 34-35), as formas verbais encontram-se, respetivamente,

- a. no modo conjuntivo e no modo imperativo.
- b. no modo imperativo e no modo conjuntivo.
- c. no modo indicativo e no modo imperativo.
- d. no modo imperativo e no modo indicativo.

11. No verso 45, «o idoso Filémon» desempenha a função sintática de

- a. sujeito.
- b. predicativo do sujeito.
- c. complemento direto.
- d. predicativo do complemento direto.

12. Parafraseando «embora já lhes crescessem copas sobre os dois rostos» (verso 46), dir-se-á

- a. apesar de as sombras das árvores cobrirem as faces de Báucis e Filémon.
- b. não obstante as árvores invadirem o espaço ocupado por Báucis e Filémon.
- c. ainda que Báucis e Filémon estivessem quase transformados em árvores.
- d. mau grado várias árvores cobrirem as cabeças de Báucis e Filémon.

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos
11.	8 pontos
12.	8 pontos
13.	8 pontos

104 pontos

Grupo II

1.	8 pontos
---------	----------

2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos
11.	8 pontos
12.	8 pontos

96 pontos

Total 200 pontos